



TAXA PAGA  
PORTUGAL  
CONTRATO: 536425

CORREIO  
EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 9 de Agosto de 2014 • Ano LXXI • N.º 1837 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## CALVÁRIO

Padre Baptista

**H**Á sessenta anos que Pai Américo aceitou a oferta da quinta de Beire, para nela realizar o sonho de acolher doentes sem cura e sem apoio familiar.

Andava no seu pensamento tal ideia, quando uma pobre viúva, perto de Paço de Sousa, com quatro filhos incapacitados física e mentalmente, lhe fez este pedido: — Leve os meus filhos que eu já não posso com eles.

A quinta de Beire veio como resposta ao desejo desta pobre viúva. Pai Américo ouvia os pobres. Via nos seus pedidos a vontade de Deus para agir.

Mas a quinta oferecida estava em abandono total. Não havia nela uma moradia. Era preciso começar tudo de novo. Feita a escritura, os trabalhos começaram. Deus, porém, quis chamá-lo, antes dos primeiros doentes serem recebidos. Tinha cumprido a sua missão, outros que a continuassem.

Rapazes com atraso intelectual e doentes sem cura começaram a ser recebidos nas instalações que entretanto iam sendo edificadas. As mazelas dos doentes que por aqui têm passado davam um volumoso compêndio de patologia.

Estará Pai Américo contente com aquilo que foi realizado? Os doentes que por aqui passaram ter-lhe-ão dito já como foram acolhidos. Um dia, também saberemos a resposta. □



## HOMILIA NO ANIVERSÁRIO DO GAIATO

António, Bispo do Porto

**1.** A Diocese do Porto vive com alegria e gratidão este dia de aniversário da Obra da Rua e evoca com devoção e emoção a memória do seu Fundador, Padre Américo Monteiro de Aguiar, de quem celebrámos o aniversário da morte, no passado dia 16 deste mês de Julho.

Tudo nos diz muito no Porto, quando falamos do Gaiato. Aqui teve o seu berço o Padre Américo e daqui partiu ao encontro de Deus. Aqui criou uma das primeiras Casas do Gaiato, a Casa de Paço de Sousa, e aqui sediou uma das Casas mais emblemáticas do serviço aos mais frágeis, que é a Casa do Calvário, em

Beire. Percorreu como ninguém as ruas mais pobres da nossa Cidade, no Barredo e na Sé. Lamentou-se de tão tarde ter conhecido a alma da Cidade, porque aqui encontrou generosidade e carinho, que nunca se cansou de agradecer. O Porto era verdadeiramente a sua Cidade, embora não fosse esta a sua Diocese de ordenação sacerdotal.

Também a Cidade nunca esqueceu o Pai Américo. A estátua que lhe ergueu numa das praças maiores e mais belas da nossa terra, as flores viçosas que pessoas anónimas em cada madrugada ali colocam e o carinho e devoção dos olhares que diariamente com ele ali se cruzam

dizem-nos que o Padre Américo será para sempre cidadão do Porto e modelo da alma cristã e solidária da nossa Cidade.

Foi na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde, com os meus discípulos, como jovens estudantes, fazíamos voluntariado durante as férias, que conheci o senhor D. António Ferreira Gomes, em 16 de Julho de 1969, na primeira visita que ali fizera, apenas regressado à Diocese. Recordo as suas palavras na Homilia da Eucaristia que celebrou. Pediu compreensão ao Padre Américo, ali sepultado, pelas portas fechadas que encontrou

Continua na página 3

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

**C**HEGOU-NOS por quem não esperávamos e que não é da Obra da Rua, mas é padre, uma censura. É de quem não nos conhece. E a censura é de que «esta Casa do Gaiato, de Maputo, gasta muito dinheiro». Ora, talvez haja quem pense o mesmo, senão nem valeria a pena falar no assunto. É verdade que gastamos muito dinheiro, como é verdade que recebemos muito em géneros e em dinheiro e que ando sempre a pedir pela cidade todas as semanas. Ora, não

dariam nada a esta Casa se não acreditassem em nós, muito menos viriam aqui com os seus dons, com a dificuldade que hoje há em cá chegar e nem sequer telefonariam a dar recado para os procurarmos na cidade. Quem assim diz, pense que temos dentro de portas cento e cinquenta Rapazes. Toda a criança têm direito a uma alimentação saudável, cuidados de saúde, educação, lazer e tudo o mais do que necessita para o seu desenvolvimento integral. Além destes, temos mais de

cem Rapazes que, apesar de fora de portas, necessitam do nosso acompanhamento e apoio. Alguns, estão a prosseguir os seus estudos no ensino geral ou profissional ou superior. Outros, a iniciar a sua vida profissional, integrados em estágios, por vezes, não remunerados. A Casa do Gaiato é uma família para os que não a têm, pelo que temos que acudir a cada um consoante as suas necessidades.

Para além disso, a nossa Escola é Comunitária. Muitas destas crianças deveriam

estar na Casa do Gaiato pelas circunstâncias em que vivem. Perante o limite da nossa capacidade, resta-nos apoiá-los em transporte, material escolar, uniformes e alimentação e, junto com os avós, tios e comunidade, fazer o nosso acompanhamento para que possam ter uma educação garantida. No caso dos outros alunos, os pais contribuem com as despesas escolares. Actualmente a Escola tem uma comunidade de 791 alunos, desde o jardim de infância

Continua na página 3

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

### Encontro

**O** que nos congregou com os nossos Amigos, na Casa Diocesana de Vilar, no pretérito dia 19 de Julho, foi um tempo rico de partilha de ideias, emoções e experiências, em volta do nosso Pai Américo, ele o aglutinador de todos neste ideal de vida de serviço a Cristo nos Pobres, por Ele postos em primeiro lugar nas Bem-aventuranças.

Foi Cristo Jesus que Pai Américo seguia e perseguia quando entrava nos tugúrios onde a Sua humanidade sofria, nos Pobres sujeitos às misérias consentidas, a quem os homens viravam a cara.

Pai Américo com o exemplo da sua vida, mostrou que pelo amor vivido à maneira do Mestre é possível ajudar a construir vida onde ela vegeta, bastando para isso que haja quem se disponha a dar a mão e quem aceite morrer como o grão de trigo. Esta é, podemos dizer, a caridade perfeita, e o modo ensinado pelo Servo sofredor para se vencerem as misérias de que a humanidade padece.

Pai Américo foi modelo de caridade, que ficou também para os nossos dias, verdadeiro samaritano sempre pronto a compadecer-se e a dar-se, reunindo toda a espécie de meios necessários para responder às carências dos que serviu, ao longo da sua vida de «Recoveiro dos Pobres».

Como dizia o nosso Padre Baptista, o Pai Américo não actuava antes das necessidades se manifestarem, mas perante as carências que os Pobres lhe apresentavam fazia-as suas e ia em busca de remédio que as curasse. E o remédio aparecia, porque a sua palavra incarnava a verdade da dor do Pobre, manifestando-a e obtendo a adesão de todos os de boa vontade.

Neste nosso Encontro tivemos a dita de sentir o nosso coração a correr pelos imensos caminhos da vida que Deus traçou no de Pai Américo, sentindo quão palpável foi a Sua acção e quantas lutas houve ele de travar com estes dons da Graça. Será isto parte do que Pai Américo caracterizou como o melhor da vida daqueles que merecem tê-la dada a lume, mas que não é conhecido, que agora podemos presentir para nosso próprio benefício e conforto.

Sim, aquilo que Pai Américo deixou vem em nosso próprio benefício, inclusivamente a sua previsível beatificação/canonização, pois ele, como é do dizer e sentir comuns, não precisa que lhe atribuam qualidades à sua vida de que já goza os méritos.

Ficamos na expectativa de que em breve, aquilo que em nós fez nascer tão belos sentimentos, pelo que vivemos neste Encontro, venha a estar disponível, de alguma maneira, para todos os que desejaram mas não puderam estar nele presentes ou não estiveram porque dele não tiveram notícia. De quem esteve, alguns ecos nos chegaram como o de uma Amiga que nos diz: «Gostei de tudo o que lá vi e ouvi», ou de outro Amigo que se nos dirige: «recordando com emoção 'o Modelo de Caridade para os nossos dias'». □

# Pelas CASAS DO GAIATO



## PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

**VISITA** — Tivemos a honra de receber em nossa Casa um grupo de escuteiros de Santo Tirso, que estiveram connosco alguns dias. Fizeram um acampamento junto ao nosso campo de futebol. Já cá tinham estado noutros anos. Gostamos de os receber cá.

**BATATA** — Já apanhámos a nossa batata, que enchia o campo dos galinheiros. Enquanto um grupo de Rapazes gozava as férias na Azurara, os que estavam em Casa ocuparam-se a apanhar a batata e escolhê-la para guardar nos nossos celeiros. Este ano, embora a batata não tenha sido muito grande, deu para encher vários tabuleiros.

**POMAR** — No nosso pomar temos vários tipos de fruta que nos têm chegado para várias sobremesas, desde ameixas e pêssegos que são fruto desta época, e laranjas e dióspiros que virão mais tarde. Alguns frutos caem para o chão, e para eles temos o nosso grupo de aves encarregados de os comer.

**ENCONTRO** — No passado dia 19 de Julho, no Encontro que estava marcado no Porto, pelas nossas perspectivas e como estava tudo planeado, embora não tenha tido muito público, correu tudo às mil maravilhas. No fim das palestras e das apresentações, o nosso Bispo D. António celebrou a Eucaristia dedicada à nossa Obra e ao Pai Américo. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«MISSA DOS DOENTES» — No Domingo, dia 20 de Julho, teve lugar o que por aqui é conhecido pela designação de “Missa dos Doentes”. Trata-se de um evento organizado anualmente pela Conferência Vicentina a pensar principalmente nos doentes, mas também nos idosos, qualquer que seja o seu estado de saúde e situação económica. O evento começa com a Eucaristia das 11.00h, na Igreja Paroquial, nesse dia dedicada em especial a estes nossos irmãos. Todos os anos faz-se um esforço para que possam deslocar-se até à Igreja o maior número possível destes nossos irmãos, ajudando os mais frágeis nessa deslocação com meios de transporte das respectivas famílias, dos Vicentinos e dos Bombeiros. Segue-se um almoço preparado pelos Vicentinos, animado, este ano, por um grupo de cavaquinhos cá da terra.

Quem vos escreve estas linhas não esteve presente, mas dizem os colegas vicentinos que lá estiveram, que vieram mais de 70 idosos. Para alguns esta é a única oportunidade, ou uma das poucas oportunidades ao longo do ano, para reverem pessoas conhecidas e conviverem com mais pessoas para além do leque restrito das pessoas com quem vivem e doutras com quem lidam regularmente. Por isso, este ano, tal como nos anos anteriores, viram-se na cara dos participantes sinais claros de felicidade por este reatar de relações interpessoais que tanta falta lhes fazem para viverem a sua vida com mais ânimo. □

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**ENCONTRO DE 19 DE JULHO, NO PORTO** — Ficou bem gravado na memória de todos aqueles e aquelas que puderam participar nesse grande dia da Obra da Rua, vivido na Casa Diocesana de Vilar, no Porto. Os Rapazes da nossa Casa deslocaram-se em vários veículos, conduzidos pelos nossos colaboradores, com o seu farnel, desde Miranda do Corvo e da Praia de Mira. Foi bonito de ver a participação das várias Casas da nossa Obra, em palco (Miranda do Corvo — peça de teatro; Setúbal — banda de música; Paço de Sousa — dança africana), e a interessante exposição sobre Pai Américo e a Obra da Rua, no átrio. O Encontro foi bem moderado pelo Sr. Dr. Henrique Pereira e os intervenientes deram boas achegas sobre Padre-Pai Américo: desde os nossos Padre Júlio (Responsável principal), Padre Baptista (do Calvário), passando pelo Sr. Cón. Jorge Cunha — *Na Providência de Deus* (da Faculdade de Teologia do Porto), Mons. Arnaldo Cardoso (Postulador da Causa de Beatificação), Dr. Abel Magalhães — *Na Verdade do Homem*, e Dr. Américo Mendes — *Na Preferência pelos Fracos e Desprotegidos*. Afinal, foram lançados dois livros: *Padre*

*Américo – Itinerário Vocacional* (da Editorial da Casa do Gaiato); e alguns textos de *Padre Carlos* (pela Modo de Ler). Ao cair da tarde, o Sr. Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, com muita estima, presidiu à Eucaristia no auditório principal, animada pelos cânticos dos Rapazes e participada por aqueles amigos e amigas que ainda puderam ficar. Na sua homilia, pediu aos cristãos para que a beatificação e canonização do nosso Pai Américo seja uma realidade. A terminar, parabéns ao Sr. Padre Júlio que lançou este evento — *Padre Américo: Modelo de Caridade para os nossos dias*; e a todos os que nele colaboraram e apoiaram. Bem-hajam!

**FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA** — Conforme previsto, o primeiro turno de Rapazes, mais pequenos, regressou a 28 de Julho, segunda-feira, do nosso Lar de Férias, na Praia de Mira. Vieram felizes, com boa cara, pois aí passaram duas semanas agradáveis. Entretanto, depois do almoço desse dia, seguiu o segundo turno de Rapazes, mais crescidos. Ficaram acompanhados por: D. Florinda, Zé Pinóquio e ainda D. Odete e Chola. A este casal

amigo agradecemos a quinzena que passou na nossa Casa. Boas férias para aquela malta e todos os nossos amigos!

**AGROPECUÁRIA** — Nestes dias de Verão, além do calor também houve alguns dias de humidade. A cultura do milho, na *terra nova*, tem sido regada todos os dias e está com bom porte. A 14 e 15 de Julho, apanhámos boas batatas, na *terra dos grilos*. A nossa horta tem dado boas alfaces, espinafres, feijão verde e couve serrana. Continuámos a arrancar ervas daninhas na *terra dos grilos* e aí recolhemos os rebentos cortados das oliveiras. Temos comido das nossas ameixas e pêssegos. As uvas de mesa estão a amadurecer. Os frangos cresceram bem e também comem do nosso milho.

**ESCOLAS** — Os Rapazes do 1.º Ciclo ao Secundário encontram-se todos matriculados, em várias Escolas. O Joaquim foi estagiar para o Centro Hípico da Anadia. O próximo ano lectivo já não tarda e é preciso coragem!

**CATEQUESE** — Houve uma pausa na nossa catequese, a cujos Catequistas (Professoras Helena e Fernanda, e D. Cecília) agradecemos o seu empenho. Os Rapazes da Primeira Comunhão estão ansiosos! □

## LAR DO PORTO

Casal vicentino

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Senhor ensina-me a ser Vicentino!

Todo o cristão deve ser sabedor da maior parte da Doutrina Cristã; ou seja, se lermos os Testamentos vemos, nas suas leituras, que o dever do cristão é dar de comer a quem tem fome e beber a quem tem sede. Ora, nós na nossa missão de vicentinos, é nesta doutrina que tentamos, no dia-a-dia, estar atentos às dificuldades dos nossos irmãos carenciados e, quando possível, tentar proporcionar-lhes algum conforto. Sempre que vamos, podemos estar presentes, mas sem a vossa ajuda não conseguimos ajudar materialmente. Neste momento, atravessamos uma fase crítica, mas temos fé que os nossos Amigos e Leitores vão participar, para que possamos continuar a prestar o apoio necessário aos nossos Pobres.

Estamos disponíveis para os visitar e dar o nosso apoio, e ser vicentino é uma das grandes virtudes — diz o Evangelho —, mas também um grande dever, o dever de ser solidário com o irmão mais carenciado, o irmão mais desesperado. Os vicentinos têm o dever de ser justos para com os Pobres. Isto, porque existem muitos falsos pobres, muitos que aproveitam a crise para poderem aplicar melhor a menos verdade da sua

realidade. É nosso dever saber actuar o melhor possível mediante tal panorama — que o Senhor nos ajude a separar o trigo do joio.

Pai Américo diz-nos que as Conferências de S. Vicente de Paulo, *são elemento indispensável na sua formação de verdadeiros cristãos, porque só quem é vicentino pode muitas vezes responder ao inexplicável, pelas lições que se aprendem no contacto directo com a miséria social, a que nós já infelizmente pertencemos, e agora melhor sabemos compreender.*

Caros Amigos, todos nós sabemos, e sentimos no corpo e na alma, quanto pesada tem sido a crise que nos afecta, mas lembremo-nos de quantos existem com muitas mais carências que as nossas — vamos dar as mãos e ajudarmos o nosso semelhante.

Os pobres que estão a nosso cargo já há muitos anos contam connosco e nós contamos convosco para continuar a ajudá-los.

**O QUE RECEBEMOS** — Olímpia Soares, 100€; Oliveira Ferreira, 25€; Salila Calijão, 50€; Carlos Jesus, 100€; Andreia Pereira 100€; Maria José Sousa, 50€.

Em nome dos Pobres, os nossos agradecimentos. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

### Fátima

NA nossa ida ao Norte, para participar na Homenagem a Pai Américo, na cidade do Porto, passámos por Fátima.

Eram cerca de 30 Rapazes, na sua maioria jovens e alguns adolescentes. A vida não nos permite fazer muitas peregrinações, mas Fátima é sempre um chamamento. Um lugar onde Nossa Senhora nos rogou Penitência e Oração, isto é: mudança de vida para melhor, segundo a vontade à luz de Deus. Um lugar onde muita gente se encontra consigo e com o Senhor, sob o manto carinhoso da Mãe do Céu!

Lá passámos e descemos num parque cheio de autocarros e, tão

repleto, que o nosso motorista, Hélio, teve de ficar dentro e aguardar o nosso regresso. Era sábado, a Basílica Nova regurgitava de gente a celebrar o Santo Sacrifício, de tal modo, que mal pudemos entrar.

No Santuário, as multidões cruzavam-se umas com as outras, falando baixo e guardando recolhimento religioso. Muita gente! — pessoas simples (é delas o sentido do Reino de Deus), pagavam dolorosamente as suas promessas, andando de joelhos em fervorosa oração. Até a mim me impressionou esta manifestação sacrificada de uma fé confiante. Ao contemplar pensava no meu íntimo: *Aqui os rapazes vêem com os seus olhos jovens, crianças e sobretudo gente na maturação da sua natureza,*

*a rezar com enorme elevação.*

O tempo apresentava-se chuvoso e pouco acolhedor, mas nada impedia as expressões de fé.

*Vê-se pelo vestido e apresentação* — diziam eles, que é gente das aldeias e do interior. *Olhem, respondi-lhes, ao ver estacionados dois carros com o carimbo da Câmara, pessoas de Castelo Rodrigo, temos lá amigos e uma professora que já foi para o Céu, nos ajudou muito, ao longo de dezenas de anos!*

Parámos na estação de Leiria para almoçar, tirámos o nosso tacho de arroz com ervilhas e frango frito, sentando-nos como pudemos. Então? Não é que os dois autocarros da citada vila pararam junto do nosso, as pessoas puxaram dos seus farnéis e comeram ao nosso

lado! Não foram para restaurantes, não, que a vida custa-lhes e a fé os alumia.

Comer do que podemos e gozar a alegria da tranquilidade é um estilo de vida que agrada a todos e assenta muito bem, neste tempo, aos cristãos.

### Roubos

TEM sido um autêntico assédio a pressão dos ladrões à volta da nossa Casa. Há dois anos roubaram, por duas vezes à empresa que nos veio aqui montar uma captação de energia eléctrica através de placas fotovoltaicas, os cabos de cobre. Depois, foram as saídas de água ao longo da quinta e as suas

torneiras, também de cobre, que tivemos de substituir por plástico, depois foram os porcos. Por três vezes nos levaram nove porcos; a seguir, foi a bateria eléctrica da retroscavadora; agora, os pesos das máquinas de rega.

E que podemos fazer? Eles chegam pela calada da noite, à uma, às duas, três, quatro e cinco da madrugada e manhã.

Montámos um alarme e é o que nos tem valido. O alarme toca. Os rapazes levantam-se. Agarram nuns paus e aí vão eles perseguindo-os até ao carro cuja matrícula ainda não identificaram. Os milhos altos facilitam-lhes os esconderijos, pois até durante o dia, temos sido roubados.

Um verdadeiro calvário! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## É o sinal!

NINGUÉM pode ficar indiferente e insensível às notícias do mundo, crucificado: entre outras regiões, Ucrânia, Síria, Nigéria, Gaza, no conflito israelo-palestino, e Iraque. A violência naquelas zonas tem provocado centenas de mortos e feridos e enorme destruição. Em face de tanta iniquidade, *o sofrimento é um sacramento*, no dizer de Santa Catarina de Sena. Com tamanhas dores de guerras, é de escutar o apelo do Papa Francisco: *Parem, por favor. Peço-vos com todo o coração. É hora de parar.*

Surdos e cegos às lições trágicas da história, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, que provocaram milhões de vítimas, continuam a repetir-se erros desse passado do século XX. Sendo *a guerra inútil*, o Caminho da paz é o da justiça e dignidade da pessoa humana; é o Caminho do perdão, explicado por Jesus na Cruz do Gólgota. Bem sabemos que Deus não quer o mal e o próprio Cristo clamou: *Meu Pai, se é possível, afasta de Mim este cálice*. Lamentavelmente, interesses comerciais poderosos e hipócritas de governos, e fundamentalismos vêm conduzindo ao extermínio de minorias em várias regiões do globo. Os esforços de paz nunca podem parar, no sentido de que a espiral da violência não aumente mais a carnificina humana e o sofrimento inocente.

À colação, trazemos agora o perigo de ser cristão neste mundo em que vivemos, no qual as per-

seguições têm alastrado de forma assustadora. O preço a pagar por seguir Jesus é morrer, violentamente. Em Mossul, as casas dos cristãos foram marcadas com a letra N, a primeira da palavra Nazareno, em árabe. Este genocídio é mais um crime contra a Humanidade. Nesses campos, em que o petróleo é que conta, apesar de tudo ainda vão restando resistentes que encontram na fé, qual *tesouro escondido num campo*, a força motriz da sua sobrevivência.

Perturbados com estas manchetes, rolando para outra parte do rebanho, porque mimos sem mimo não prestam, demos connosco a *arear* ao encontro do leque mais frágil da comunidade, a banhos retemperadores, já que entre serras e vales vivem eles, sujando-se na terra, à procura de uma educação integral. Jogam às escondidas sob altas canas de milho, trincam pêssegos de ramos carregados e debicam cachos corados.

Tranquilos, porque os vimos bem acompanhados, com uma notícia tão singela, ficámos mesmo emudecidos, ainda pela positiva. O Rocha tinha achado uma bela concha, gasta pelas ondas do oceano, e estava à nossa espera. Mais, a 16 de Julho, com outros reguilaços brincando nos infinitos grãos de areia, também gravou neles os seus sentimentos. Se, de Jesus, não sabemos realmente o que deixou na areia, à mercê das águas, naquele pequenino acontecimento, revelaram-nos que não se cansou de marcar aí o sinal da Cruz. Quando lhe perguntaram o motivo, foi claro e incisivo, sem pieguices: — *É o Sinal!* Quando há

derramamento de sangue, na luta contra o pecado, ele não se perde. *De todas as forças ocultas que salvam o mundo, o sofrimento unido à Cruz é o mais forte!* Sim! A Cruz divina, que liberta.

Enquanto se vão martirizando tantas vidas humanas, estas sementeiras em lágrimas ainda não despertaram nem sacudiram o pó e o lixo da barafunda das festanças estivais, numa mistura pagã de sons estridentes, em que é desvirtuada a  *piedade popular*, nas quais há gente que parece não sofrer com as crises. Sinais continuados de tempos de vazio e de leveza do pensamento. Não se comunga assim da pobreza e tristeza de muitas pessoas e do martírio de testemunhas corajosas, do Oriente ao Ocidente, *semente de cristãos*.

Os ensinamentos do nosso Deus não deixam margem para dúvidas: *Não suporto a impiedade das vossas festas que se tornaram um peso para Mim...* A verdadeira religião é assim e continuando com o profeta Isaías, sem subterfúgios: *respeitai o direito, protegei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva.*

Daquelas formiguitas que nos tocaram e estiveram a aproveitar os benefícios do Sol e da maresia, rematamos para dizer que alguns deles têm origem muçulmana. Com a convivência no respeito mútuo e a convivialidade salutar pode-se trabalhar pela paz. Neste momento, depois do pino do calor, vários garotos estão a cortar silvas e ervas ruins juntos e à sombra de oliveiras. É um percurso sinuoso e custoso, em que há muita terra para cavar, semear e plantar. O ideal será atrelarmos um arado a uma estrela, sempre e sem desanimar. *Bem-aventurados os que sofrem!* □

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Vivemos na Esperança

NÃO nos cansemos de fazer o bem com o que temos e somos. A tentação do contrário, com o nome de egoísmo e indiferença, bate-nos à porta constantemente. É semelhante ao ladrão que pretende roubar-nos o tesouro da generosidade. Porém, se não desfalecermos, faremos a colheita no tempo oportuno. Não perdemos, quando damos por amor. Pelo contrário, colheremos no tempo oportuno. Não sentiremos nunca a falta do que partilhámos, principalmente com os nossos irmãos mais necessitados. Este sentimento, vivido no nosso dia-a-dia, é um verdadeiro tesouro que nos anima a trabalhar sempre mais. O grande argumento desta verdade está somente na nossa experiência. Queres ser verdadeiramente feliz? Vamos, então, praticar o bem na partilha com as crianças abandonadas, a viver na nossa Casa do Gaiato de Benguela, para as ajudar a ser homens com dignidade. É uma proposta que pede coragem para seguir o caminho da generosidade, cheio de paz e alegria. São duas irmãs gémeas, filhas do amor autêntico.

Hoje, Domingo, foi um dia de festa grande, no seio da comunidade cristã da cidade de Benguela. O jubileu dos cinquenta anos de sacerdócio do Sr. Bispo D. Óscar juntou, à sua volta, uma grande multidão de pessoas. As autoridades civis associaram-se a esta celebração, numa atitude de reconhecimento do bem social, feito, ao longo dos 33 anos da sua missão de Bispo da Diocese de Benguela. A nossa Casa do Gaiato esteve sempre presente no seu coração de Bom Pastor e Pai. Viu, *semore*, nesta Casa de Família dos filhos sem família, uma janela aberta, por onde crentes e não crentes contemplavam o amor maternal da Igreja na pessoa dos mais abandonados e mais pobres. Por isso, participámos na celebração com alegria e o coração agradecido. Uma nota muito interessante foi a referência à necessidade do investimento humano e material no combate à pobreza extrema e à miséria. Quem dera esta dimensão esteja sempre presente no coração da Mãe Igreja e de todos os seus filhos! Deste modo, cumpre a missão que lhe foi confiada pelo seu fundador. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os nossos filhos e irmãos mais necessitados.

Algumas comunidades paroquiais sentem a necessidade da partilha dalguns bens alimentares connosco. É um sinal consolador de que sentem verdadeiro carinho para com os nossos filhos que vieram do abandono. Deste modo, alimentam também a Esperança de que não nos faltará o necessário para caminhar em frente, nesta hora muito difícil. Aproveito esta oportunidade para bater à porta dos vossos corações, com as mãos estendidas. Como tenho referido, várias vezes, ainda não nos foi possível a recuperação dalgumas residências dos nossos filhos e vossos também, por falta de meios financeiros, A agricultura, donde nos vinham migalhas preciosas para o nosso viver diário, encontra-se num estado muito triste, pela falta de água, a pedir novos investimentos para efectuar furos mais profundos, à busca do precioso líquido. Partilho convosco estas necessidades, ao jeito dum membro da vossa família de quem a Casa do Gaiato de Benguela depende.

A partir do dia 26 de Julho, contámos com a ajuda dum grupo de cinco jovens, vindos de Portugal, integrados no movimento denominado **Grão**. O ano passado, a presença do **Grão** foi maravilhosa. Os nossos Rapazes sentiram-se verdadeiramente contentes. Estes jovens vivem a inquietação de dar algo das duas vidas para ajudar, unicamente por amor, outros que necessitam da sua presença. Por isso, deixam sua terra e suas famílias, aproveitando o seu tempo de férias, para darem algo da sua riqueza humana e espiritual aos que mais precisam. A nossa Casa do Gaiato de Benguela tem sido privilegiada com o alto valor da sua juventude. Vivemos nesta Esperança. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

até à 10ª classe, e 35 professores, dos quais, menos de metade, são professores do Estado.

Não basta que se construa uma Escola e se peça professores, que eles não vêm. As nossas salas comportam apenas trinta alunos por turma, enquanto que as do Estado mais de sessenta. No Distrito de Boane, quase às portas da capital do País, ainda faltam 39 salas de aula. O que não será por esse Moçambique fora em que não há nem escola, muito menos carteiras. É uma contribuição pequena para o que falta à nossa porta.

Apenas estou a falar da educação. Custa-me descrever as necessidades diárias desta Casa, pois desde os cortes frequentes de energia, que muitas vezes nos leva a gastar mil litros de combustível por dia para garantir o seu funcionamento, e a perda de equipamento, até às viagens na procura de material, reparação de equipamentos, funcionamento de oficinas ou, mesmo, na manutenção de uma fazenda para reduzir a dependência de terceiros.

Na verdade, é muito o que gastamos e o que nos dão. Mas quem pensa em termos materiais não vê ou não acredita em milagres. A Obra da Rua é um milagre, é um testemunho da justiça, da bondade e da misericórdia de Deus. Pai Américo dizia que é «fruto da pobreza escandalosa dos Padres da Rua», que tudo deixaram para O servir. Eis porque *não possuindo nada, enriquecemos a muitos*, como dizia São Paulo. Eis como a Obra é o Reino de Deus nas periferias da Igreja e da sociedade, como diz o Papa Francisco — que recebeu o mesmo sopro do Espírito Santo que Pai Américo. □

transformem em alimento de vida, sinal de esperança e em experiência de fraternidade para todos. Sei que assim têm sido as Casas do Gaiato. Rezo para que assim sejam sempre!

Queira Deus fortalecer cada vez mais a alma da Obra da Rua e o carisma fundador, recebido do seu Fundador, Padre Américo!

Casa Diocesana de Vilar,  
19 de julho de 2014 □

## HOMILIA NO ANIVERSÁRIO DO GAIATO

António, Bispo do Porto

Continuação da página 1

no coração da Igreja, quando manifestava o seu desejo de ser padre para se entregar aos mais pobres. Elogiou as crianças e os jovens da Casa, dizendo-lhes que “as flores mais belas não são as que nascem cuidadas nos melhores jardins, mas sim aquelas que se encontram à beira dos caminhos ou na aridez das montanhas ignoradas e dos túrgios desconhecidos”. Assim eram para ele as crianças do Gaiato!

Hoje queremos viver e celebrar à volta deste altar da Eucaristia a memória e a identidade, o passado e o presente, as realizações e os sonhos, as alegrias e as esperanças da Obra da Rua, que o Padre Américo fundou, e vós sacerdotes da Obra continuais com tanta generosidade, sacrifício e doação, muitas vezes amalgamados com a incompreensão de uns e o desconhecimento de outros, diante do bem que realizais.

Sentimos a alegria de formarmos convosco, membros da Obra da Rua, os mais antigos e os de hoje, uma mesma família humana e cristã, plena de valores e de projetos. Temos consciência do dever de sermos conjuntamente convosco construtores de uma sociedade solidária, impregnada dos valores cristãos, neste chão sagrado e nesta terra de liberdade, de justiça, de caridade e de atenção aos mais pobres, que é o Porto.

2. O exemplo do Padre Américo ajuda-nos nesta missão e ilumina-nos neste caminho. Ele escolheu viver no espaço diocesano do Porto

e quis ser portuense, ao descobrir a sua vocação de consagração aos mais pobres e ao abrir a partir daqui um caminho novo de serviço à Igreja. O Porto foi o tempo da concretização deste seu ideal de vida e o lugar deste seu desígnio de missão.

Partiu cedo demais, aos olhos humanos, ao encontro de Deus, deixando órfãos os seus filhos espirituais. São desígnios insondáveis de Deus! Pertence-nos implorar de Deus a sua beatificação e canonização para que a sua presença e a sua bênção se afirmem mais claramente em nós e na sua vida e missão encontremos um exemplo a seguir.

Não sabemos quantas barreiras ele teve de vencer! Mas ele estava decidido! Havia uma força interior que o impelia. Era o amor de Jesus Cristo que o chamava a segui-lo. Houve relutância e rejeição à sua volta. Sentiu-se muitas vezes a combater sozinho contra a inércia do seu tempo. O seu sonho era sonho do amor de Deus pelas crianças, pelos jovens, pelas famílias, pelos doentes e pelos abandonados daquele tempo.

A coragem da sua fé e a firmeza da sua vocação permitiram-lhe vencer as naturais resistências do tempo e as incompreensões humanas dos planos concebidos para ele mesmo na Igreja. Guardemos entre tantas e tão belas palavras que disse e que escreveu, estas que já hoje aqui ouvimos: “*Ai da Obra da Rua se não fosse a Igreja! Ai de mim se não fosse a Igreja! Que podia eu sem ela? E que não posso eu com ela?*” (P. Américo)

3. (...) O exemplo de vida, o carisma profético do Padre Américo e o valor reconhecido da Obra da Rua convidam-nos a dar visibilidade e valor à experiência de comunidades centradas no Evangelho e na Eucaristia, acolhedoras, atentas e solidárias, que anunciem a alegria do Evangelho e vivam a caridade na verdade, de forma criativa, ousada e profética.

Sabemos que a hora que vivemos, marcada por circunstâncias e acontecimentos que toldam o horizonte de esperança do mundo contemporâneo, exigem da Igreja que não se limite a reconhecer e a conservar o que vive, mas saiba inspirar critérios de ética e de responsabilidade social e consiga mobilizar pessoas, grupos, movimentos apostólicos e comunidades cristãs para, em conjunto com a sociedade civil construirmos com renovada esperança um mundo melhor.

São campos específicos deste mundo melhor com que sonhamos a exigir e a merecer esta presença atuante e esta intervenção diligente da Igreja: a vida humana, a família, a educação, a solidariedade social e a solicitude atenta aos doentes, às crianças, aos reclusos, aos desempregados, aos pobres e aos desfavorecidos.

Nestes campos, como em tantos outros, precisamos de abrir as portas do coração e da Cidade aos que nos procuram. Devemos ser casa onde a palavra, o pão e o trabalho se multipliquem e se

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**P**RESSIONADOS pela visão individual de muitas moradas de pobres, sem mobília ou electrodomésticos, temo-nos desdobrado em atender outras pessoas, com alguns bens e espírito de pobreza, doridas, pelos meus relatos, a quererem dar móveis e outros aparelhos de cozinha e dispensa.

A nossa camioneta, de caixa aberta e comprida, tem sido um instrumento excelente para o carregamento do mobiliário, das roupas e dos referidos electrodomésticos.

Verifico que nunca é demais chamar à atenção para o pecado de guardar, nos sótãos, nas garagens ou mesmo nos quintais e varandas coisas substituídas por outras mais adaptadas, mais vistosas e mais cómodas, bens que tantas vezes se estragam e que os nossos descendentes irão, um dia, desprezivelmente pôr no lixo.

Quinta, sexta, sábado e segunda-feira, da parte da tarde, fomos carregar e descarregar três grandes carradas de roupeiros, sofás, mesas, cadeiras, camas, cómodas, roupas, frigoríficos, micro-ondas e fornos. Tudo estava parado. Alguns a estragarem-se — e tanta gente a precisar.

Na oficina de serralharia reparamos electrodomésticos e na carpintaria consertamos os móveis que ainda o merecem ou damos-lhe, pelo menos, uma limpeza e algum brilho.

É também uma forma de criar trabalho para os nossos mestres e rapazes e lhes pregar com a vida, a Justiça e a Verdade do Evangelho.

Tem muitos e variados aspectos excelentes e misteriosos, esta acção de ir buscar os objectos e os distribuir pelas famílias deles necessitados.

O mais evidente é a alegria e a prontidão dos Rapazes em se sacrificarem de modo generoso e feliz, em favor dos pobres. Depois, a surpresa dos doadores ao contemplarem o quadro belo de gente nova e esforçada a mexerem

desembaraçadamente e alegre os utensílios pesados ou leves e a carregarem ordeiramente pelas escadas ou elevadores, sem confusões, até à camioneta estacionada mais ou menos próxima da porta dos prédios ou moradias. Até os passantes param para observar a diligência dos Rapazes. Embora algumas vezes conduza a camioneta, normalmente eu só oriento. A minha força física é diminuta e o meu equilíbrio fraco, mas animo, dirijo e gozo uma alegria indizível que só Deus conhece, ao vê-los a trabalhar.

O último carregamento foi em Lisboa. Até à Capital ainda vamos. Mais longe, não; que os nossos compromissos diários não permitem.

Estávamos num bairro erguido na década de quarenta, geometricamente concebido e desenhado, com três andares por número, e uma escada de quatro degraus em pedra cinzelada, até ao rés-do-chão, para lhes criar uma caixa de arejamento e livre de humidades que sempre sobem pela capilaridade dos materiais. Um lambrim alto e grosso do mesmo material dos degraus e trabalho de idêntica forma, empresta aos prédios um aspecto robusto e sólido. As divisões são amplas e arejadas com janelas para a frente e pràs traseiras de cada andar. Os soalhos são em madeira de pinho, sadia, desafiando o tempo.

Pela dimensão, número e plano de cada moradia, descobre-se o conceito cultural do que se pensava sobre a família naquele tempo, bem como das suas necessidades básicas.

Uma sala de jantar com mesa oval de mogno e um pé único, cadeiras, um móvel enorme de tola maciça de três corpos acoplados com portas encimadas de esbeltas vitrinas, um sofá em pele, mais um quarto completo com cama de casal torneada, um guarda-fatos e uma cómoda em castanho sólido e

ainda umas loiças, roupas e bugiingas, tudo bem empacotado, completaram a nossa carrada.

Enquanto os Rapazes faziam briosamente o seu serviço, conversei com a nossa benfeitora, feliz por nos ter consigo — ela é assinante e leitora d'O GAIATO — e sobre o modo como chegou à conclusão de doar ao Património este magnífico recheio da casa, que tinha arrendada e vazia, por morte da inquilina. Contou-me também a sua caminhada na fé e a influência do Sr. Padre Botelho, um homem que descobriu o tesouro do Reino dos Céus e se despojou totalmente para o conseguir. Sim, um homem arrojado na sua pobreza e dedicação aos pobres, um sacerdote sem medo nem papas na língua, um apóstolo que arrastava pelo seu exemplo. *Marcou-me muito*, desabafava feliz e comovida.

No fim, quis levar-nos a uma pastelaria e pagar aos Rapazes o que eles quisessem comer e beber. — *Escolham e mandem vir!*

Era à tarde, e uma merendinha compensava o esforço despendido. Ainda fora à paróquia, oferecer estes objectos. O Pároco perguntou à assistente social, se queria. *Oh!... temos para aí tanta coisa!* Quando os olhos do padre se restringem aos da assistente, fica, muitas vezes, tudo estragado. Lembro-me de uma paróquia onde não havia pobres (dizia-se), e eu fui lá encontrar terríveis misérias.

O Papa Francisco apregoa que a Igreja *deve estar de Saída*. Mas saída para onde? Naturalmente que no seu coração, é de saída para os pobres e aflitos, em primeiro lugar, e... depois... por aqueles... para os pecadores que só verão a Luz, no amor visível e sacrificado de homens de fé.

Esta alegria de dar, encontra-se dentro de mim com a de distribuir a quem pouco ou nada tem, enchendo-me da riqueza e do encanto do Reino de Deus! □

## DEIXAI-OS CRESCER ATÉ À CEIFA

Padre João

**U**M tombo na escada de acesso à casa 2 pôs-me de braço ao peito e alguma dificuldade em escrever. Este tem sido um período de paragem forçada, propício à reflexão, pois que nem tenho conduzido e, até, para ir celebrar fora, a condição é esta: «se me vierem buscar e trazer...».

No Domingo passado assim foi de facto em duas comunidades. De manhã, na Ordem Terceira Franciscana, em Setúbal; de tarde, no Lau — uma pequena localidade destes arredores, confiada ao Pe. Zé Maria, de Palmela e assistida pela Palmira, pela Conceição e pela Sofia, Irmãs Auxiliadoras da Caridade.

Nesta contingência pessoal não podemos deixar de fazer uma reflexão em dois sentidos: o da precariedade da vida e, a nunca por demais reflectida urgência, de a viver com intensidade e proveito espiritual — na linha da perfeição da caridade evangélica. Somos de barro! É a primeira conclusão.

Quando menos pensamos ou quando nos julgamos indispensáveis ou até insubstituíveis, aí mesmo, Deus «aplica outra tinta e escreve com outra letra...» — para que nos situemos na nossa verdade, a de que somos peregrinos, marcados pela eternidade. O tempo da nossa vida terrena é um tempo de aprendizagem «do eterno» e dos valores, «nele», consubstanciados e para os quais a Palavra de Jesus, no pretérito Domingo, XVI do Tempo Comum, nos alertava, na parábola do trigo e do joio.

Perante o “primarismo” dos Apóstolos, indignados com o aparecimento do joio: «Senhor queres que arranquemos o joio?...». *Não!*, responde o Mestre, o Divino Agricultor — afeito às marés da sementeira e aos ventos contrários que o «inimigo» desencadeia: — *Deixai-os crescer até à ceifa...* — O que aos olhos do mundo pareceria uma derrota — joio no meio do trigo — torna-se ocasião de vitória pois evidenciará a qualidade do «pão

alvo» do trigo loiro, maduro, de qualidade; esse mesmo que Deus semeou no seio de Maria e que para os crentes se tornou Pão da Vida — Pão do Céu.

A paciência generosa e misericordiosa de “um Deus” não sabe senão amar, por mais que a nós, seres feridos e agredidos pelas inúmeras contingências e finitudes do viver humano, nos custe ou cause angústia e náusea, aí está patente, como estandarte, muito próximo do mistério da Cruz do Senhor.

Haverá um julgamento... sim! — *De choro e ranger de dentes* — porque, tão perto da fonte e rente à eira farta de pão estivemos e recusámos a água viva e o pão que sacia a verdadeira fome. Esse, o julgamento mais temível, por sermos nós, num movimento concomitante, testemunhas e réus nesse tribunal. À paciência amorosa de Deus, havemos de corresponder, aqui e agora, com um viver intenso na caridade, pois «o que salva e vale é o amor». □

## SINAIS

Padre Telmo

**O** Malamba reuniu um grupo de Gaiatos já formados, passaram pelo Lar.

Assunto

1. Todos eles, conforme o seu desejo e posses, contribuíam com uma ajuda mensal para a Casa do Gaiato de Malanje. 2. Espalhar O GAIATO em Luanda. 3. Começar a dar vida e corpo à Associação dos Antigos Gaiatos. 4. Não tanto ajudar com dinheiro aos Rapazes, mas conseguir emprego para os que o precisam.

Estive presente e consolou-me a atitude destes Gaiatos que conseguiram uma formatura e agora pensam nos irmãos.

\* \* \*

**G**RAÇAS a uma ajuda da Sonangol, conseguimos reparar as escolas, a capela, a casa 3 para onde mudámos os mais pequenos de 8, 9, 10 anos e eu.

Ficaram felizes: casa nova, camas novas e colchões novos oferecidos pelo grupo de Antigos Gaiatos.

Falta a reparação da casa 2, casa 1, casa-Mãe, posto médico e casa das Irmãs. Já com 50 anos habitadas pelos Rapazes.

Com o grupo dos Antigos Gaiatos iremos bater à porta de empresas e, mais uma vez, junto da Sonangol.

Pai Américo não queria os Rapazes a mendigar. Neste caso, é a Família toda — antes que os telhados nos caíam em cima — que ele nos perdoe.

\* \* \*

**O** Vasco... Foi um sinal mais: como esposo, como pai, como homem e como gaiato. É um sim para a nossa Obra.

— O Vasco? — perguntei ao Senhor.

— Já chegou! — me respondeu. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Hospitalidade

**A** nossa Casa tem sido visitada, com grande frequência, por vários grupos vindos de instituições diversas da sociedade. Recentemente, tivemos a honra de receber o senhor Núncio Apostólico em Angola, acompanhado pelos nossos Bispos de Benguela. Que graça tamanha e reconfortante, tornando actual o desejo do nosso Mestre: *deixai vir a mim as criancinha...* a Santa Mãe Igreja tem no seu âmago o amor preferencial pelos Pobres.

Estando à porta do escritório à conversa com dois magistrados, que ao passarem pelo portão da Casa ninguém intimidou, como acontece, normalmente, nos estabelecimentos burocráticos privados, com o acesso restrito, um dos senhores perguntou-me se os Rapazes não fugiam de Casa pelo facto de estar sempre aberta a porta? — Se não fugir nos primeiros dias, é porque encontrou a sua família. Então, deixa de ser hóspede e torna-se membro válido do corpo a que todos pertencemos. A porta aberta não incomoda o Rapaz. O homem para a sociedade futura não se pode conceber num esquema fechado aos desafios actuais e actantes — em tudo liberdade e responsabilidade, sem elas nada. Este facto vem confirmar a expressão de liberdade no processo educativo da criança. Como bem o afirmou o seu Fundador — *ninguém espere fazer homens de rapazes domados*.

Alguns dos nossos destacaram-se quanto às notas escolares do primeiro trimestre, e bem merecido, receberem um reforço positivo para servir de exemplo para todos. Afinal, quando há dedicação e esforço também há prémios e conquistas novas e agradáveis. Estou certo de que, por esta via, muitos outros virão a melhorar os resultados, se não for por gosto de estudar, será, pelo menos, pela oportunidade de poder ser incentivado com um aliciante troféu. O grupo cresce e amadurece vendo exemplos positivos à sua volta. Todos podem fazer mais do que a medida que é exigida no campo do Bem. Ele excede sempre! *Tudo* — dizia o Fundador —, *dentro dos nossos muros se aproveita, o bem para que se aumente e o mal para que se transforme*.

A Obra da Rua, concretamente na sua missão humanística e cristã, procura transformar o chamado *lixo das ruas* — dito do farrapão, vivaço e vergonhoso — para a imagem social, em riqueza da Nação. Ela é serva dos pobres e abandonados que os sistemas de injustiças criaram. Os Rapazes são filhos da Nação como qualquer outro cidadão, merecem o seu pedaço de pão. Vivemos da generosidade dos corações que amam a causa dos Pobres. Resposta ao apelo de Jesus: *o que fizeres a um destes pequeninos a mim o fazes*. Ou, ainda, *cuide bem dele e tudo o que gastares pagar-te-ei quando voltar* — assim fez o bom samaritano. Diz, ainda, o adágio popular: *quem dá ao pobre a Deus empresta*. A Liturgia deste dia faz memória a Santa Marta, cuja hospitalidade ao Senhor, que passava como peregrino por sua casa, foi tão grande.

Ai, se a humanidade, ao procurar o lucro, não se descuidasse da própria humanidade! □